

Aulas no corredor, para terminar o ano

Marcio Vieira

Da equipe do Correio

A situação da Escola Normal de Brasília, uma das mais tradicionais da cidade, é caótica. Vigas segurando o teto, infiltrações por todas as salas, a parte hidráulica e elétrica estragadas e cheiro de mofo são alguns dos problemas que ameaçam o início do ano letivo. A escola foi interditada em agosto, por falta de condições para abrigar alunos e professores.

Os 1,5 mil estudantes foram divididos por quatro outras instituições. Os alunos do 1º grau foram remanejados para o Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos (IDR), os de 2º grau para a União Pioneira de Integração Social (Upis), os do jardim de infância para a Regional de Ensino e os de supletivo para a escola Setor Oeste.

A solução paliativa só não surtiu o efeito esperado para o 2º grau. "No dia 18 de dezembro, venceu o contrato com a Upis e ainda não tínhamos terminados o ano letivo por causa da greve. Como a instituição não quis renovar o contrato conosco, tivemos que voltar para a escola", explica a coordenadora do 2º grau da Escola Normal de Brasília, Rosemairi Nogueira Rangel.

O resultado é que os 600 alunos do 2º grau estão tendo aulas no corredor de entrada da escola. "Foi a maneira que encontramos para terminar o ano letivo", conta a coordenadora. Para que o ano letivo seja concluído outras medidas foram tomadas. Os estudantes que já tinham média para passar foram aprovados e as turmas do mesmo ano foram unificadas. "Na parte da manhã nós ministramos um plantão de dúvidas", acrescenta.

Para completar, a direção da escola ainda não sabe como iniciará o ano letivo, uma vez que a escola está interditada desde agosto. "Para onde vamos?", pergunta Rosemairi, sem esconder a desolação. "Não sa-

bemos o destino dos professores e dos alunos."

Ontem foram ministradas as provas de avaliação semestral. Quem não obtiver a média ainda terá mais um semana de recuperação. "Temos que terminar o ano letivo no próximo dia 20 de qualquer maneira", insiste a coordenadora.

Em meio ao cheiro de mofo, divisórias improvisadas e muito barulho, a professora de Língua Portuguesa Maria Aparecida Jales tenta completar o ano letivo dos alunos. Ontem, ela aplicou prova final para 20 alunos.

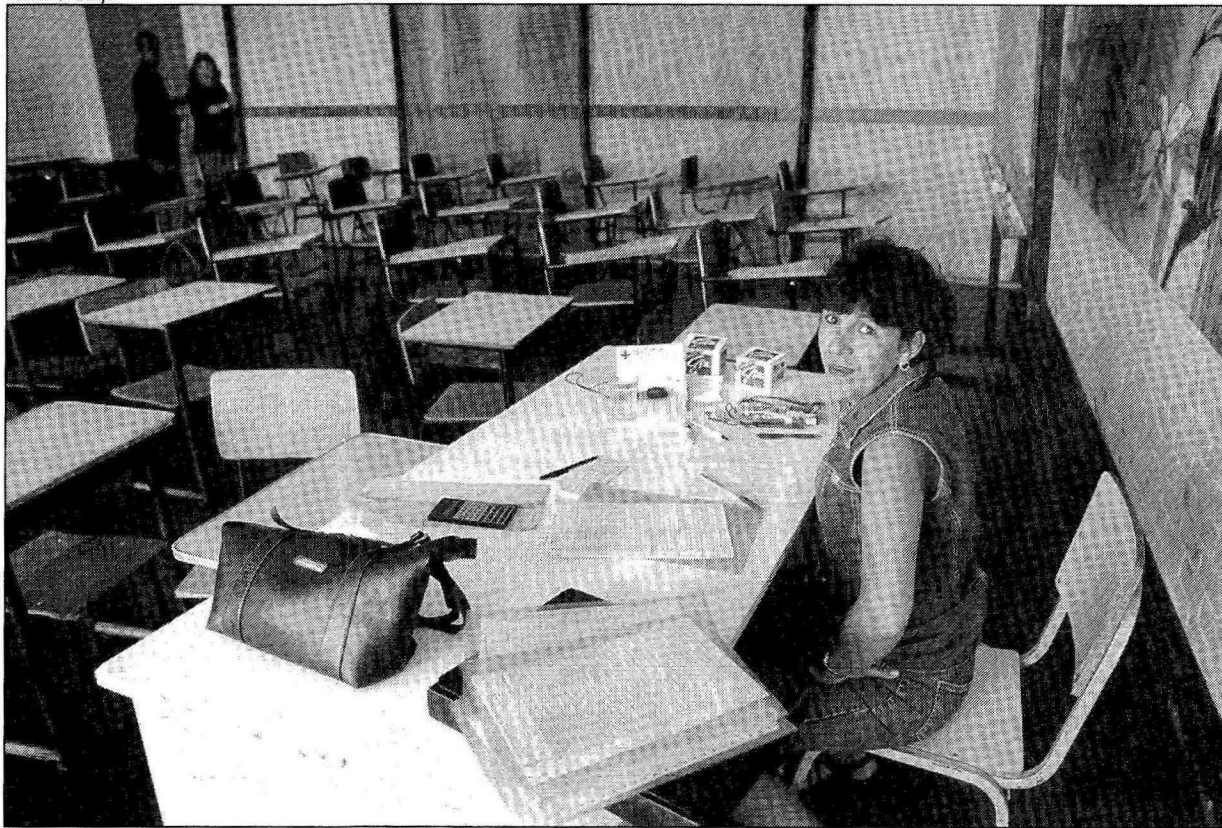
O patrimônio da escola, que tem mais de 30 anos, está ameaçado. Carteiras, bancos, cadeiras, armários estão empilhados nos corredores correndo o risco de mofo. "O nosso mobiliário é antigo, mas é o que temos", comenta a coordenadora.

A secretária de Educação, Eurides Brito, mandou fazer um levantamento dos problemas financeiros deixados pela gestão anterior. Sem querer adiantar detalhes, disse estar assustada com o que já identificou. Ela prometeu que hoje vai expor de forma detalhada a situação da Secretaria ao governador Joaquim Roriz.

Uma das preocupações de Eurides é o fato de a Escola Classe 7 estar lacrada pela Defesa Civil desde dezembro. "É uma escola fundamental para o atendimento na região. Muitos alunos estão sendo matriculados lá. Mas, em nenhum relatório deixado pelo governo anterior, essa situação foi descrita", reclama a secretária.

Para completar, no dia 1º de março 1.500 alunos do jardim de infância, 1º e 2º graus e supletivo e mais 120 professores da Escola Normal de Brasília terão destino incerto. A escola, que está fechada há cinco meses, não mostra sinais de ser recuperada tão cedo. "Não sabemos para onde vamos", insiste a coordenadora. (Colaborou Samanta Sallum)

Paulo de Araújo



Maria Aparecida Jales, professora de Língua Portuguesa, já se acostumou a dar aulas sob barulho e cheiro de mofo